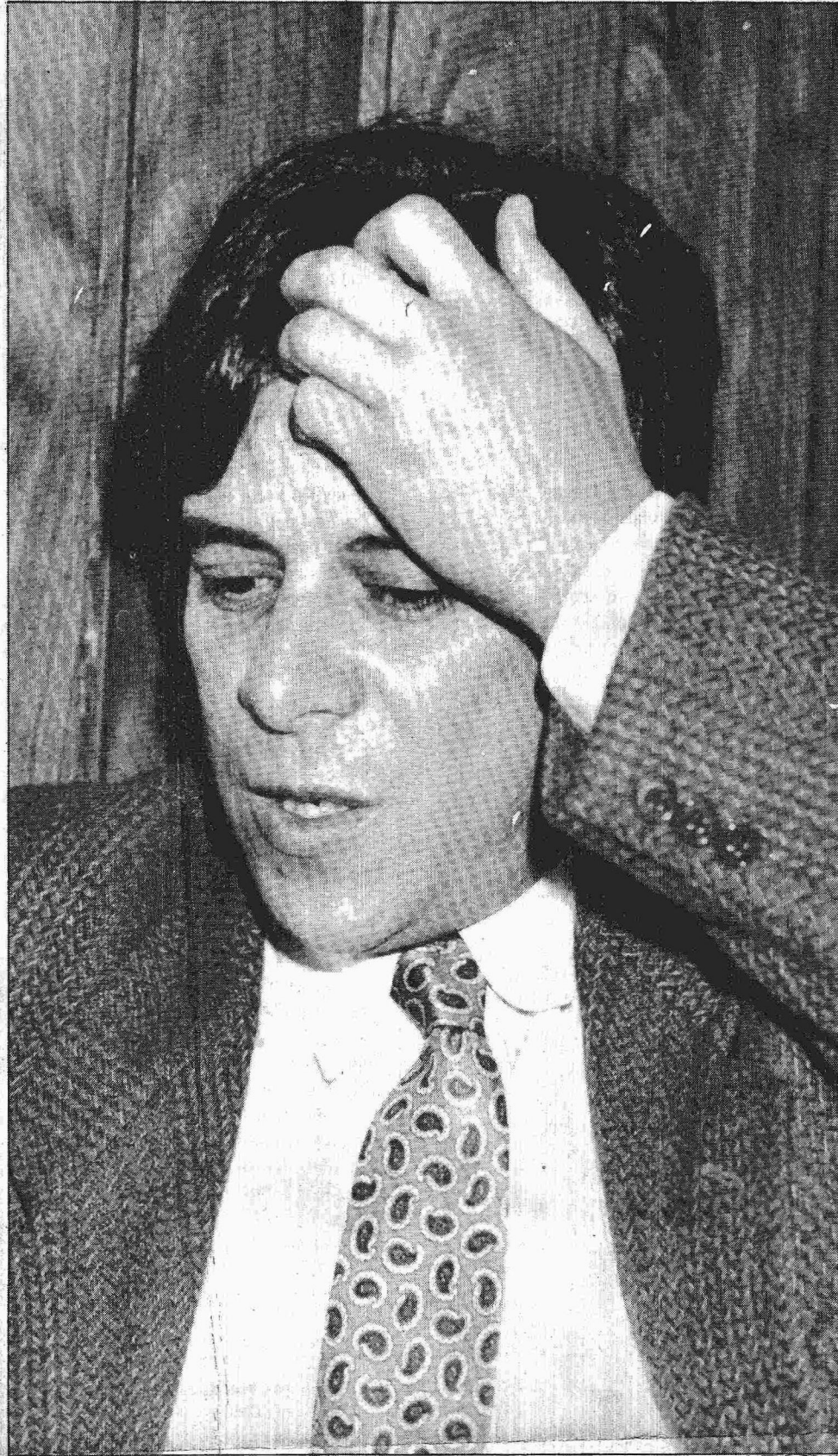


Novo secretário de Cultura já sabe que vai apanhar

RONALDO DE OLIVEIRA



O novo secretário de Cultura diz que a nova pasta é "um festival de porradas"

Fernando Lemos substitui Márcio Cotrim sabendo que a Secretaria de Cultura "é uma coisa trágica"

Foi algo assim com a unificação das Alemanha. Em nome do enxugamento da máquina administrativa, o governador Joaquim Roriz decidiu, na madrugada de ontem, que seis de suas secretarias de governo, mais uma subsecretaria, deixariam de existir para serem unidas a outras. Assim, Brasília passa a ter, agora, uma Secretaria de Cultura, Esportes e Comunicação Social, comandada pelo jornalista Fernando Lemos, que, até ontem, comandava apenas a área de comunicação do Palácio do Buriti. Márcio Cotrim, que foi secretário de Cultura, desaparece nas brumas da reformulação administrativa. Ou talvez não, porque, como costuma se dizer em situações de despedida compulsória, e como o próprio Fernando Lemos repetiu, "o governador Roriz sempre teve grande apreço pelo ex-secretário e considera o trabalho que ele fez de grande importância". Daí, ele trata de tranquilizar a todos: "Márcio Cotrim não está saindo do governo. Está apenas deixando a Secretaria".

Portanto, nesta unificação onde um lado desaparece para que o outro se fortaleça, temos novo secretário. Fernando Lemos, carioca de 43 anos (17 deles vividos em Brasília), jornalista, casado, com seis filhos, é, de fato, um homem ligado às lides culturais. Sabe, por exemplo, que a Secretaria que ele comanda a partir de agora "é uma coisa trágica, um festival de porradas" — querendo dizer com isto que os artistas da cidade e as autoridades da cultura sempre promoveram um verdadeiro ninho de gatos. "Mas isto não me assusta e sou aberto às críticas". Talvez seja mesmo, e ele já avisou: "Quem vai dizer o que é preciso fazer, quais são as prioridades, é a própria comunidade artística". Ele chega com vantagens e, a mais forte delas, é, com certeza, a experiência, inédita no País, de unir Comunicação Social e Cultura, ao contrário do procedimento tradicional de se acreditar que as coisas culturais vão bem com a educação. "Mas nós sabemos que isto não é verdade e que as tentativas nunca deram certo", explica Fernando Lemos, "porque, nesta junção, nunca sabemos se financiamos filmes ou merendas escolares". É verdade. As experiências nacionais mostram, ao pé da letra, que a educação brasileira tem problemas tão graves e tão prementes que se torna impossível dedicar-se a qualquer outra atividade. No caso desta tomada de decisão de Joaquim Roriz, o novo secretário de Cultura do Distrito Federal, por se ocupar também da Comunicação Social, vai ter que dividir suas atenções com coisas de pouca monta, como, por exemplo, rabiscar às pressas, do discurso de Joaquim Roriz, palavras inusitadas como "percussivo" — que é o que lhe tomava o tempo,

ontem pela manhã, enquanto conversava com o **CORREIO BRAZILIENSE**.

Laboratório — Mesmo sem consultar a "comunidade artística" de Brasília, Fernando Lemos já sabe que abre as portas da nova Secretaria com duas metas claras. A primeira delas é, como ele mesmo explica, "deflagrar, finalmente, o processo das Casas de Cultura do Distrito Federal". Ele pretende, no novo cargo, "dar condições e instrumentos para o processo cultural da cidade porque potencialmente temos muito". Esta preocupação com o processo criativo de Brasília faz sentido. Desde que Fernando Lemos passou a trabalhar com o Palácio do Buriti, no dia 1º de janeiro deste ano, a cidade sabe que ele sempre viu Márcio Cotrim com maus olhos. Ele próprio não concorda com a afirmação mas admite

parte dela: "Nunca fiz críticas pessoais ao secretário mas a minha opinião é a de que é preciso valorizar o processo cultural e não os eventos". Nesta esteira de pensamentos, as Casas de Cultura dariam condições para o processo e a formação de artistas. A segunda prioridade é justamente o Espaço Cultural da 508 Sul, que também foi a menina dos olhos de Márcio Cotrim mas que ainda se mantém em fase de reformas: "Um grande laboratório", afirma, com brilho na voz, o novo secretário. Mas ele não sabe quando as obras serão concluídas e sai à francesa: "O Governador dirá a data".

Esta idéia de que o processo é, por natureza, mais importante do que o evento encontra ecos em vários nomes da cidade. Fernando Lemos, com certeza, chamará alguns de-

Poucas palavras

As mudanças na estrutura administrativa do GDF, decididas em nome da racionalização dos gastos, segundo informa o discurso do governador Roriz na posse dos novos secretários, são vistas como "naturais" pelo ex-secretário de Cultura e Esportes, Márcio Cotrim.

Para Márcio Cotrim, a Comunicação Social é "uma área afim à da cultura" e a fusão pode acarretar em "maior eficiência". Wellington Moraes, assessor de Fernando Lemos, explica que, na prática, a economia de recursos e esforços se faz pela centralização das decisões administrativas e a extinção de alguns cargos ou funções.

Cotrim admite que as verbas minguadas para educação e saúde (o Governo Federal tende a destinar cada vez menores recursos às várias unidades que compõem o País, como já foi anunciado pelos jornais) podem ter relação, "indireta", segundo ele, com as mudanças efetuadas agora. Conclua-se, portanto, que não é apenas a alegada eficiência o que está em causa, mas a própria escassez de recursos, capaz de determinar cortes e "racionalizações".

O jornalista André Gustavo Stumpf, ligado ao Pólo de Cinema e Vídeo, acha que as mudanças são "saúáveis" e não devem significar alteração de rumos no que toca ao Pólo. "Pode haver mudanças de rumo político", pondera Stumpf, que não acredita em que nada se altere essencialmente a curto prazo, embora perceba que os recursos, já neste fim de ano, vêm se tornando mais magros. André Gustavo Stumpf pede que se noticie a breve publicação de um edital, anunciando aos interessados a abertura de financiamento — o dinheiro provém do BRB, e será emprestado e não doado — para filmes e vídeos. "O critério para a seleção será a qualidade", afirma.

A diretora-executiva da Fundação Cultural, Luiza Dornas, não quis prestar declarações. "Ainda tenho de conversar com o secretário", disse. "Não sei nem se fico". (Fernando Marques)

cultar a vida de seus desafetos — o que pode vir a ser delicado e desastroso, agora que entra em um ambiente que ele próprio considera "um festival de porradas".

"Tenho um grande respeito pelos artistas de Brasília", ele revela. Mas como nada é perfeito, faz ressalvas importantes: "Acho que nossos artistas não deveriam ter medo do intercâmbio". O que isto quer dizer, exatamente? Parece claro: "Gostaria de chamar o diretor José Celso Martinez Correa para dirigir espetáculos na cidade. Afinal, ele é o Glauber Rocha do teatro brasileiro". Na verdade, Fernando Lemos faz parte deste estrito grupo brasileiro de louvor ao falecido cineasta baiano (com quem ele trabalhou no **CORREIO BRAZILIENSE**, onde foi Secretário de Redação e Editor Executivo). A coisa é, sem dúvida alguma, passadista, assim como é levemente envelhecida a postura de ainda considerar José Celso o grande nome do teatro nacional. Mas Fernando Lemos parece se encaixar com perfeição na imagem do homem de sua geração: aos 43 anos, ele já participou da geração de poetas do mimeógrafo, já foi do movimento Nuvem Cigana, já fez cinema (lembra-se de um com carinho especial: *As Heroínas*, sobre as moças do Arpoador carioca), admira Glauber Rocha com religiosidade, gosta das coisas esotéricas e da tecnologia alternativa e votou, "conscientemente", em Joaquim Roriz por considerar que o PT não tinha candidato, que "Maurício Corrêa não estava bem e que o atual governador é de centro-esquerda".

Lista — De qualquer jeito, se o novo secretário quer o intercâmbio, seria bom que ele citasse nomes brasileiros que mandaria a outras praças para ensinar o que sabem. Diante da pergunta, respondeu sem perda de tempo: "Hugo Rodas". Em seguida, achou por bem aumentar a lista: "O Endança é um grande grupo, gosto de Renato Mattos, Guilherme Reis, Celso Araújo". Fez silêncio e, movido pela mera educação, colocou um *post scriptum*: "Você também". Esta diplomacia faz com que ele tenha sempre à sua disposição um boa lista de nomes para citar. E para convidar também, porque, na manhã de ontem, sua equipe de trabalho telefonava para os artistas de renome nacional que estavam na cidade (como o elenco de *Odeio Hamlet*, por exemplo) para a sua nova posse, às 11h.

Desta *entourage*, ele parece gostar. Não só disto, como, de certo, aprecia ser discreto e tem o estranho hábito de falar com as pessoas sem olhá-las nos olhos. Talvez seja timidez, talvez vontade de passar sem grandes atritos — o que lhe deu fama de ser "o pequeno Golbery", uma eminência parda do Buriti. Ele discorda, naturalmente. Só confirma um certo detalhe: "Tenho o livro *Geopolítica do Brasil*, de Golbery do Couto e Silva e ganhei dele *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, que foi o livro de cabeceira de Maquiavel". E sorri.

■ Alexandre Ribondi